

A estética da cidade pela geografia do afeto na obra de Moacyr Scliar

La estética de la ciudad por la geografía del afecto en la obra de moacyr scliar

Adriana Antunes de Almeida*

Resumo: Moacyr Scliar é herdeiro da literatura urbana gaúcha da década de 30, no entanto, diferente dos autores daquele período, traz à tona uma Porto Alegre permeada por espaços ricos de afeto e de memória, fazendo com que a cidade assuma outros aspectos que não apenas o do ambiente degradado. O bairro Bom Fim é o responsável por esse movimento e é a partir dele que se pode reconhecer uma estética da cidade, criada pela arte de narrar e pela arquitetura contemporânea.

Palavras-chave: Cidade. Estética. Afeto.

Resumen: Moacyr Scliar es heredero de la literatura urbana gaucha de la década de 30, pero, diferentemente de los autores de este período, presenta una Porto Alegre llena de espacios plenos de afecto y memoria, haciendo con que la ciudad asuma otros aspectos demás de los de un ambiente degradado. El barrio Bom Fim es el responsable por tal movimiento y a partir de él se puede reconocer una estética de la ciudad, creada por el arte de narrar y por la arquitectura contemporánea.

Palabras clave: Ciudad. Estética. Afecto.

*Eram bonitas aquelas pedras,
aqueles paralelepípedos em granito de vários tons,
do cinza-escuro ao rosa, úmidos de cerração,
reluzindo à luz fraca das lâmpadas dos postes.*

Moacyr Scliar (Os voluntários)

Introdução

A relação entre cidade e literatura já mereceu muitas páginas, poesias e romances escritos, talvez porque exista um fascínio que o espaço cria sobre o homem. Essa dimensão pode ser compreendida como sendo de arte, tanto de narrar quanto da própria arquitetura descrita ficcionalmente. Tal perspectiva ganha ainda mais força ao se levar em conta que a narrativa judaica é rica em simbologias e reelaborações.

Por meio da narração e da descrição a literatura consegue capturar e traduzir a arte de um lugar, de uma etnia, de um tempo. Esse fascínio mimético permite injunções geográficas, e nesse contexto, a prosa passa a ser o território de uma cultura. Aplicado ao romance, torna-se uma manifestação de arte. A casa, os objetos de decoração, o quintal e a rua ganham contornos de identidade e pela narrativa viaja através do tempo contando histórias, alargando a linguagem, convertendo aspectos do cotidiano em arte e esta sendo descrita como necessidade de comunicação. Assim, são também os bairros. Na literatura, eles e suas características estão sempre presentes: é o *Montparnasse* de Simone de Beauvoir, de Trotsky, de Lênin, de Modigliani ou o *Gendarmenmarkt* de E.T.A. Hoffmann, apenas para citar uns poucos escritores. Os bairros também se caracterizam pela sua singularidade e por mais que existam em uma cidade, nunca serão iguais. São resultados da interação entre fatores ambientais, sociais, culturais, econômicos e históricos. Dessa forma, observar o bairro e a sua presença na literatura pode ser um dos pontos de partida para a compreensão da sua representação simbólica e da estética que se forma a partir do espaço, do local.

O bairro Bom Fim, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi inicialmente chamado de "Campo da Várzea". Era uma área pública de, aproximadamente, 69 hectares que servia para o pastoreio do gado. Posteriormente, teve seu nome alterado para "Campo do Bom Fim", em função da capela Senhor do Bom Fim, construída entre 1867 e 1872. Após a abolição da escravatura no Brasil, muitos libertos que não tinham para onde ir abrigaram-se nessa região que passou a ser chamada, popularmente, de "Campo da Redenção". Na segunda década do século XX, começaram a chegar as primeiras famílias judias que se instalaram nas imediações da atual Avenida Osvaldo Aranha e outras ruas próximas. A comunidade judaica foi construindo casas, sinagogas, pequenos comércios e oficinas, que mais tarde configurou o local como sendo residencial e comercial voltado especialmente para as lojas de móveis.

Quando a descrição de um bairro é feita pela arte, ultrapassa as relações que o produziram e o circundam, desdobrando-se em espaços repletos de significado. É possível conhecer uma cidade tomando como parte de si um bairro, embora se saiba de antemão que a visão do território não será total, uma vez que a cidade é composta por muitas culturas e grupos étnicos, porém, é uma forma interessante de se observar a formação do espaço.

A arte que também passa pelo viés da literatura, ao narrar os contrastes presentes no ambiente urbano, alcança uma simetria, seja pelo movimento dos fatos, personagens ou da própria narrativa. Nesse sentido, a arte pode ser entendida como uma linguagem com dois desdobres, o da própria linguagem e o da representação da cidade. Um escritor, ao trazer a cidade para dentro de um texto, pode oferecer uma maneira de reorganizar não só a realidade cotidiana, mas inclusive as lembranças e os afetos criados a partir do local. Então, uma estética da cidade se projeta, pois "o estético, é uma experiência humana fundamental, isto é, o homem não pode existir sem ela, sem esta modalidade de relação com os outros e com o mundo" (PAVIANI, 1996, p.31).

Quando se pensa em ficção, a narrativa de um lugar vai buscar no real meios de se constituir. Para Cordeiro e Costa,² os bairros são reais e imaginados e, quando assim o são, precisam apresentar uma materialidade do espaço e um sistema de significados fundamentais para sustentar o sentido de lugar. Além disso, conforme destaca Lynch, "cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significações" (LYNCH, 1997, p. 1). Portanto, quando a cidade figura dentro de uma narrativa há uma espécie de ressignificação do lugar, em que os sentidos construídos no cotidiano subvertem-se e misturam-se ao que a imaginação se permite criar e aquilo que poderia ser impossível no real, acontece na ficção. As experiências de literatura e cidade são antigas, para os gregos, por exemplo, a cidade é

alguma coisa de concreto que vê todos os dias com seus próprios olhos. A terra sagrada da pátria é o recinto da família, os túmulos dos antepassados, os campos de que se conhecem todos os proprietários, o monte aonde se vai cortar a lenha, apascentar o rebanho ou recolher o mel, os templos onde se assistem os sacrifícios, a acrópole onde se sobe em procissão; é tudo o que se ama, tudo o que é motivo de orgulho, tudo o que cada geração quer deixar mais sedutor do que quando recebeu (GLOTZ, 1980, p. 23).

Segundo Glotz, os gregos passaram por três estágios de formação da *pólis*: o primeiro agrupamento tem por base a associação entre o marido e a mulher, o senhor e o escravo, e diz respeito a todos que comem na mesma mesa, por consequência, a família; desta, originou-se a aldeia, pois a família acaba por constituir-se de filhos, netos, esposas, maridos e todos obedecem ao mais velho; a partir daí, ocorre a associação de diversas aldeias, o Estado primitivo começa a se formar e nasce a *pólis*, "nascida da necessidade de viver, subsistindo pela necessidade de viver bem, a *pólis* só pode ter existência duradoura se se bastar a si mesma. A cidade é portanto, uma consequência natural, do mesmo modo que as associações anteriores, das quais ela é o coroamento."(GLOTZ, 1980, p. 3)

Por outro lado, Pesavento destaca que "o nascimento da cidade nos chega, pois de forma mítica, com apoio no texto sagrado e na imagem que nele se inspira" (PESAVENTO, 2002, p.07). Oliven também acredita nisso, para ele, a primeira cidade é mítica e refere-se ao mito de Caim e Abel, "nasce, portanto, como decorrência de um crime, mais especificamente de um fratricídio, e possui um sentido reparador" (OLIVEN, 1974, p. 68). Ou talvez a relação homem/cidade seja, mitologicamente, ainda mais antiga, em que "aqueles que foram banidos do Éden poderiam encontrar um abrigo na cidade."(SENNET, 2008, p. 26) Assim, cidade e mito estão entrelaçados desde o discurso da criação do homem, reafirmado biblicamente pela crença de que homem e cidade vieram do barro.

A partir da modernidade, a experiência passou a ser entre literatura e urbano, quando a Revolução Industrial redimensiona a metrópole acarretando uma diminuição do espaço aliada a uma fragmentação das relações e dos indivíduos. Essa crise da individualidade que nasce desse contexto traz uma perda de identidade que se acentua na mesma proporção das construções físicas. Nesse sentido, a literatura se apropria desse universo e passa a representar a realidade que então se configura. Não são poucas as narrativas que tentam dar conta desse processo. Pode-se observá-lo nas descrições das cidades de Paris tanto em Victor Hugo como em Charles Baudelaire, na Londres de Charles Dickens, na Lisboa de Eça de Queirós e no Rio de Janeiro de Machado de Assis ou de Rubem Fonseca.

A cidade, cenário da vida e do desenrolar dos fatos literários, agora se vê no centro das atenções e assim se transforma no foco do relato. Na impossibilidade de ser o sujeito, ela pode ser vista como uma personagem que, no entanto, não fala, mas é falada pelo discurso e desdobramentos do discurso do narrador, sem entretanto, "confundir a cidade com o discurso de quem a descreve, ainda que haja uma relação entre eles"(CALVINO, 1990, p. 37).

Abaixo do trópico de capricórnio, sob o paralelo 30, a literatura e o discurso sobre a cidade também se entrelaçam. O fato se dá a partir da década de 30, pois o Estado viu ser impulsionada a sua produção industrial, o crescimento das cidades e um fortalecimento das classes sociais. Como representantes dessa época têm-se Reynaldo Moura, Erico Verissimo e Dyonélio Machado, embora, segundo Zilberman,³ não exista um consenso quanto ao começo da representação urbana na narrativa sulina, no sentido moderno, até porque há referência anterior a Caldre e Fião.

Moacyr Scliar⁴ é herdeiro dessa tradição literária, dessa impossibilidade de ação do indivíduo inserido na marcha dos dias, em que a falência individual não encontra recuperação no espaço oferecido. No entanto, sua literatura toma outro rumo que não o do realismo puro e simplesmente e a representação da cidade ganha novos contornos. Há no escritor uma estética, que por meio da cidade e do bairro Bom Fim uma geografia do afeto se desenvolve permitindo que o leitor e o narrador passem pelo espaço, reconheçam-se a si mesmos e compartilhem histórias e sentimentos.

Chaves percebe esta como sendo a última fronteira da literatura realista, "a modernidade pós-kafkaniana percorreu a estrada do fantástico e do maravilhoso. Moacyr Scliar prefere mergulhar nos *Mistérios de Porto Alegre*, definindo seu itinerário [...]".⁵

Por isso, ainda segundo Chaves, a cidade de Reynaldo Moura, Erico Verissimo e Dyonélio Machado, não é a mesma de Moacyr Scliar, porque há em Scliar, o que T.S. Elliot já conceituou: uma síntese do tempo e uma ultrapassagem do passado, uma vez que o autor apropria-se do espaço geográfico de Porto Alegre, se inscreve na temática do urbano e faz da ficção sobre a cidade o seu território eleito. Em outras palavras, na narrativa de Moacyr Scliar parece haver uma bruma cuja essência é composta pelo fantástico e, ultrapassá-la é permitir-se cruzar a fronteira entre o real e o imaginário.

Trata-se, portanto, de uma literatura em que a analogia contribui para a realização de uma análise cartográfica. Porto Alegre e o bairro Bom Fim dão margem à representação de um território fictício. Tal como afirma Chaves ao dar-se conta do mesmo processo em outros autores como em "o sertão de Graciliano Ramos, o 'brás, bexiga e barra funda' de Alcântara Machado, a Amazônia de Márcio Souza, o Rio de Janeiro suburbano de Lima Barreto e João Antônio e...o Bom Fim de Moacyr Scliar" (CHAVES, 1974, p. 75).

A narrativa de Moacyr Scliar é uma representação topográfica de Porto Alegre, do bairro judaico e também da cultura urbana contemporânea da cidade. Ao situar suas histórias neste contexto, o autor esboça mapas dos espaços percorridos, sociais, culturais, de memória e pertença. Observe este trecho, "eu pertenço a Porto Alegre, ao bonde dos Navegantes e à igreja do Rosário, ao Caminho Novo, à Praça Parobé, aos plátanos da Redenção, ao Banco da Província, à Santa Casa, às ilhas do Guaíba, à grutinha da Glória, ao Alto da Bronze" (SCLIAR, 2001, p. 134-5).

Acompanhar as ruas percorridas pelas personagens de Scliar sugere que o ato de andar pode constituir uma forma de enunciação, outro modo de também produzir sentido, e se se observar mais atentamente percebe-se que os caminhos que se desdobram são resultados de escolhas e imposições.

Para Frémont, os lugares formam uma trama do espaço e ao redor das pessoas constituem "as mais fundamentais estruturas do espaço: o campo, o caminho, a rua, a oficina, a casa, a praça, a encruzilhada... Como bem diz a palavra, através dos lugares, localizam-se os homens e as coisas" (FRÉMONT, 1980, p. 122).

Nesse sentido, não se pode deixar de lembrar Italo Calvino, que constata que a cidade é feita das relações entre o espaço e o passado num processo contínuo de identificação, "mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém nas linhas da mão, escrito em ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras [...]"(CALVINO, 1990, p. 7)

Essa fronteira porosa entre realidade e ficção sofreu a influência de Kafka como conta Assis Brasil, pois foi por meio dele que Scliar percebeu a possibilidade de revelar o mundo pela literatura fantástica, "não apenas ele adquiriu a certeza de que o real pode ser transformado pelo pensamento, possibilitando infinitas maneiras de repensar a sociedade, mas também soube que a deformação do real é um poderoso instrumento para repensar a sua específica condição judaica."⁶

O espaço urbano narrado em Scliar traz uma silhueta que é delineada, ainda, pela trajetória dos que passam pelas ruas e vivem as intervenções cotidianas demarcadas pela geografia do local. Essa imagem da cidade é construída a todo o instante e está sempre em formação.

O que Scliar faz, segundo Zilberman, é uma forma de enfrentamento à divisão interior que dilacera suas personagens, pois ao valer-se

do emprego do fantástico, Moacyr Scliar alcança a tradução de conflitos que assolam a todo o indivíduo indistintamente, mostrando a oscilação entre, de um lado, a lealdade a certas raízes e ideais e, de outro, a degradação decorrente da aceitação das regras do jogo econômico e do desejo de ascensão social.⁷

Pode-se pensar, então, que a partir das construções inesperadas também se produz significação, como acredita Spink, ao afirmar que "é pela ruptura com o habitual que se torna possível dar visibilidade aos sentidos." (SPINK, 2004, p. 45)

Nesse processo, o microcosmo representado pelo Bom Fim além de funcionar como um guardião das tradições judaicas quando citado como sendo "uma aldeia judaica da Europa Oriental em Porto Alegre,"⁸ ou, "um país – um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre"(SCLIAR, 1974, p. 78), parece indicar a complexa existência de um processo de interação entre o local e o universal, estabelecendo um diálogo entre cultura e literatura, importante para a constituição de um movimento estruturador dentro do sistema literário.

A nostalgia presente na descrição do Bom Fim parece apontar para um espaço perfeitamente íntegro, mas que na verdade, nunca existiu. Para reverter essa impossibilidade, Scliar nomeia os lugares e as personagens, recriando-as.

Para Certeau,⁹ o bairro surge como uma "terra eleita", o espaço em que se processa todo o desenrolar da vida cotidiana. Nesse território urbano, as relações de espaço e de tempo se misturam, pois a casa representa o vínculo orgânico estabelecido. O interessante e desafiador é dar-se conta de que há, nesse aspecto, mais do que uma transferência da realidade. Como em Kafka e parafraseando Adorno,¹⁰ talvez a autoridade de Scliar esteja no texto, na sua capacidade de criar um novo território dentro da literatura, o do imaginário, fato, aliás, já sinalizado por Chaves.

A partir do momento em que se focaliza essa questão é observa-se que o próprio Bom Fim parece, por meio da narrativa literária, funcionar como uma possível reterritorialização do espaço judaico, principalmente se se basear tal afirmação sobre a memória das inúmeras diásporas vivenciadas ao longo da sua história. Para Lynch, o fato de se nomear um espaço é muito importante, porque "os nomes dos bairros também ajudam a conferir-lhes identidade (...)." (LYNCH, 1997, p. 76)

Da mesma forma, se o espaço tradicional está se desagregando, é possível por meio da ficção constituir novos espaços, que traduzam os valores que parecem estar se perdendo e que funcionem como lugar de resistência. No entanto, a proposta de inventar um novo lugar não é a de propor uma ordem falsa ou incompatível com o real, mas sim de afetar este real, explorar o que ele tem de maleável e ressignificá-lo.

Essa reterritorialização está ligada a uma geografia que poderia ser denominada como sendo do afeto, uma vez que as citações das ruas, do bairro, e da própria cidade, ao contrário do que muito se encontra na literatura urbana desde seu início, aqui as personagens não são fragmentadas, têm nome, se conhecem, mantêm relações de sentimento em que prevalece o afeto, e apesar da cidade ser um centro compacto de cimento e tijolo, há vida, há memória, tradição e valores, "um rápido exame da geografia sensual de Porto Alegre mostraria uma cidade ocupada por esse amável exército." (SCLIAR, 2001, p. 37)

Dessa forma, o bairro é o responsável por dar sentido ao lugar, e o lugar torna-se um discurso sobre o espaço, seja da cidade, da literatura ou do judeu: "Finalmente, o carro parte a toda a velocidade – para o Bom Fim. É noite de sexta-feira, véspera de *Shabat*. (...) Ai dos judeus." (SCLIAR, 2003, p. 82)

1 Revisitando a literatura urbana

*Caminhava pela cidade. Saindo do Partenon,
andava pela Avenida Bento Gonçalves,
chegava à Azenha, à João Pessoa,
e dali às antigas ruas do centro:
Duque, Riachuelo, Rua do Arvoredo.
Detinha-se a contemplar antigos sobrados.*

*Notava neles as sacadas de ferro, as fachadas com ladrilhos
portugueses quebrados.*

Moacyr Scliar (Os deuses de Rachel)

Estudar a literatura urbana e seu desenrolar no cenário contemporâneo tem instigado diversas análises. Embora ainda haja um foco na fragmentação do sujeito e no espaço da cidade como uma espécie de "lugar nenhum", há, na obra de Moacyr Scliar, a formação de um novo território.

Para Chaves, é por meio da narrativa de Moacyr Scliar que o imigrante judeu e sua descendência ganham uma "cidadania literária". A partir daí surge a possibilidade de se analisar a criação deste "território imaginário".

Se se pensar em literatura rio-grandense, há outros expoentes que, de uma forma ou de outra, falam de cidade e de algo que há nela e que parece aprisionar o indivíduo. No entanto, a descrição geográfica não é um mero mapear urbano, posto que há nesse tipo de descrição a expressão de uma metáfora do espaço por vezes já degradado. Vide os já citados Reynaldo Moura, Erico Veríssimo e Dyonélio Machado.

O que se percebe, diferentemente, em Moacyr Scliar, autor que herdou e deu continuidade à ficção gaúcha urbana de 30, é que a cidade que ele "constrói" não é a mesma verificada nos autores de antes. A narrativa vai além da metáfora descrita. A Porto Alegre que surge em seus textos é um espaço que mudou, tanto no físico quanto no ficcional e com ela Scliar parece introduzir um novo modo de ler a cidade.

Para Scliar, Porto Alegre, Bom Fim, as ruas, os lugares, o parque da Redenção, não são apenas construções de tijolos e cimento, nem tão pouco as personagens, por mais que vivam seus dramas pessoais, passam por anônimos diluídos em meio a multidão que a cidade abriga. Há uma geografia de afeto em cada descrição, no nome de cada local citado, de cada personagem criada, e há ainda, lembranças, desejos, valores e tradição, notadamente a judaica. Percebe-se isso, por exemplo, nesta passagem sobre o Bom Fim: "As famílias se reuniam em torno da mesa da cozinha. Um samovar fumegava. Tomava-se chá; comiam-se bolachas, *latkes*, sementes de girassol. Da Oswaldo Aranha vinha o pregão do vendedor de pinhões: pinhão quente, gritava ele, está quentinho o pinhão." (SCLIAR, 1974, p. 10)

Há na cidade de Scliar muito mais que fatos narrados e a concretude da vida, há questionamento e desafio. Portanto, a cartografia literária presente na obra do autor possibilita observar o delinear de um espaço quase mítico em que o bairro Bom Fim surge como simbologia maior do judeu e sua terra prometida. Olhar para o traçado das ruas e a arquitetura do espaço sugerido pelo autor é perceber mais do que um simples registro da cidade, é dar-se conta que esse registro é uma forma de se imaginar, como acredita Pesavento.

Dentro de uma perspectiva que engloba Literatura, Imaginário e História, é possível compreender que a ideia de uma cartografia literária e uma geografia do afeto em Scliar parece ser resultante de uma relação dialética entre fatores internos presentes no *corpus*, e externos, presentes no espaço urbano. Para Candido, "[n]este caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte." (CANDIDO, 1985, p. 7)

É justamente isso que ocorre com a obra de Scliar, uma reversão do espaço social habitado para se tornar um fator de arte, tanto do narrar quanto do rememorar, pois

a arte pode exprimir objetivos sociais de duas maneiras diferentes. O seu conteúdo social pode ser apresentado sob a forma de confissão explícita- confissões de crenças, doutrinas explícitas, propaganda direta – ou da simples dedução, isto é, em termos da perspectiva tacitamente pressuposta em obras que parecem destituídas de qualquer referência social. (HAUSER, 1973, p. 23)

Quando Scliar afirma que o Bom Fim é um país "um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre"(SCLIAR, 1974, p. 7), ele permite o desdobramento semântico do espaço e a possibilidade de vislumbrar, em sua narrativa, a pintura de um quadro cujas cores e formas são ditadas pela fronteira entre o real e o imaginário.

Conclusão

*De novo: a cidade, que lhe parecera tão amável naquela manhã
de sol,
revelava seus ocultos perigos.*

Moacyr Scliar (Max e os felinos)

Para compreender a literatura de Moacyr Scliar sob a ótica da estética e da arte, é necessário que se faça uma reflexão multidisciplinar baseada no reconhecimento, na descrição e na interpretação dos processos de analogia e de abstração presentes na apropriação do espaço geográfico real urbano presentes na ficção, assim como a formação utópica da cidade de Porto Alegre e mítica do bairro Bom Fim. Ao esboçar mapas, por meio da escrita literária, o autor abre a possibilidade de se investigar a representação destes, assim como a dimensão ficcional dos espaços cartografados.

Nesse sentido, a própria ideia de cartografia literária funciona como um despertar para a estética da cidade, uma vez que as relações entre bairro, cidade, literatura e arte vão ao encontro da estética da modernidade desde Walter Benjamin, que buscou inspiração em Marx, no judaísmo e no movimento surrealista para a elaboração de novas categorias para os conceitos já tradicionais.

A obra de Moacyr Scliar parece trazer outro direcionamento para a literatura urbana contemporânea, uma vez que apesar do espaço apresentar certa desagregação de valores, ao ser resgatado, na literatura, ressurge como uma espécie de entrosamento entre o homem e a espacialidade em que ele habita. Nesse sentido, apesar das frustrações e desilusões pelas quais as personagens passam, elas tendem a buscar formas de se manterem individualizadas, assim pessoas e lugares ganham nome e se metamorfoseiam numa luta constante contra o anonimato que a metrópole propõe, pois a cidade é o lugar do sujeito, onde ele vive, trabalha, constrói, tem prazer e morre.

É preciso, ainda, ultrapassar a ponte entre a literatura e a geografia e compreender a subjetividade do espaço e a dinâmica afetiva propiciada pelo meio. Sobre esse aspecto, a multiplicidade da paisagem da cidade permite o estabelecimento da formação de um novo território e o seu papel como renovador da ficção urbana brasileira. Nesse lugar que aparece na obra de Scliar há uma legitimação dos desejos, pois Scliar construiu um campo de relações entre a cidade, a memória e o seu texto, um horizonte de semelhanças e diferenças que aqui se vislumbra a possibilidade de decifrar.

Nesse sentido, é preciso não ceder a tentação de ver o espaço apenas como um conjunto de histórias e lugares facilmente acessíveis por meio de uma aproximação empírica, ou mesmo supor que a cidade possa ser um texto estático que já está escrito nas suas ruas, nem mesmo que seja apenas um espaço físico e assim compreensível, o que há não é uma simples reprodução da cidade na obra de Scliar, mas uma representação.

Por outro lado, existe também uma tendência de se pensar o espaço como sendo uma construção puramente mental, assim, este estaria atrelado a um subjetivismo de percepção. O texto de Scliar é rico de significados, o que permite acreditar que ao representar o espaço o autor está, na verdade, recriando-o.

A obra literária de Scliar traz uma ruptura com a forma tradicional de ler a cidade. O autor pertence a um espaço próprio, que o permite mudar a ordem das coisas, em função disso, a obra por mais inocente que possa parecer, instala um sentido único de poder, baseado na arte de narrar e pela arquitetura contemporânea. Em Scliar a cidade é parte de si, pois as personagens deixaram de habitar o espaço para se tornarem o próprio espaço. Esse aspecto confere ao indivíduo uma qualidade de liberdade pessoal que só pode ser identificada a partir do momento em que a cidade é vivida pelo viés estético. O desenvolvimento e a modernidade das cidades conferiram a esse espaço uma categoria de arte, pois ela reflete nas suas ruas, parques, muros a sua identidade artística, um sentimento lírico.

Nesse sentido, conforme o próprio Scliar acredita que a literatura reflete o contexto social de sua época, ele, no entanto, "o faz como um sismógrafo, cuja agulha desloca-se como resposta a movimentos profundos. (...) Todo o resto, francamente, não tem muita importância" (SCLIAR, 2009, p. 22).

* **Adriana Antunes de Almeida** é Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e jornalista da TV universitária da mesma instituição, UCSTV.

Notas

¹ Informações extraídas do site: www.portoalegre.rs.gov.br acessado em outubro de 2010.

² CORDEIRO, Graça Índias; COSTA, Antônio Firmino. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

³ ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

⁴ Moacyr Jaime Scliar (1937-2011). Publicou seu primeiro livro *Histórias de um médico em formação*, em 1962. São quase 70 livros que abrangem o romance, o conto, a crônica, a literatura infanto-juvenil e o ensaio, pelos quais recebeu inúmeros prêmios literários. Em 31 de julho de 2003 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 31.

⁵ CHAVES, Flávio Loureiro. Scliar e a diáspora de todos nós. Texto apresentado na Conferência da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2007.

⁶ BRASIL, Luiz Antonio de Assis. O universo nas ruas do mundo. In: ZILBERMAN, Regina, BERND, Zilá (Org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 18.

⁷ ZILBERMAN, Regina. Moacyr Scliar e a história dos judeus no Brasil. In: SLAVUTZY, Abrão (Org.). *A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 338.

⁸ SCLIAR, Moacyr. Memórias judaicas. In: SLAVUTZY, Abrão (Org.). *A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 78.

⁹ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. 2 Morar e cozinhar. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁰ ADORNO, Theodor. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. 2. morar e cozinhar. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Trad. António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GLOTZ, Gustave. *A cidade grega*. Trad. Henrique de Araújo Mesquita e Roberto Cortes Lacerda. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL Difusão Editorial S.A., 1980.
- HAUSER, Arnold. *Teorias da arte*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria de invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Scliar e a diáspora de todos nós*. Texto apresentado na Conferência da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2007.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OLIVEN, Ruben. *Metabolismo social da cidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1974.
- PAVIANI, Jayme. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- SCLIAR, Moacyr. *A guerra do Bom Fim*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1974.
- SCLIAR, Moacyr. *Os voluntários*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- SCLIAR, Moacyr. *O imaginário cotidiano*. São Paulo: Global, 2001.
- SCLIAR, Moacyr. *Os deuses de Raquel*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- SCLIAR, Moacyr. *Max e os felinos*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SCLIAR, Moacyr. *Mistérios de Porto Alegre*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- SENNETT, Richard. *A carne e a pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SLAVUTZY, Abrão (Org.). *A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- SPINK, Mary Jane P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos do cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2004.
- VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (Org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.